



# O brinquedo do princípio do mundo

Apresentação e edição: Valéria de Paula Martins

Masterização: Leobaldo Prado

Arquivos em pdf: Vitória Brasileira

Até agora, apresentei a vocês um pouquinho da região e de algumas pessoas com quem convivi na pesquisa. Mas ainda não tinha falado detalhadamente sobre o Nove, que foi o que me levou de volta à região.

Como me contaram meus interlocutores e interlocutoras, o Nove, esse rito de música e dança, existe desde o princípio do mundo – tempo em que todos os seres, incluindo animais, vegetais e corpos celestes, tinham a capacidade da fala.

O Nove é também chamado de “brinquedo” ou “brincadeira” e é realizado sempre à noite, até o dia amanhecer. Reúne velhos e jovens, e é regado à comida e bebida. Na infância das cantadeiras e cantadores, sempre tinha lugar nos pousos da bandeira do

*Sensibilidades Antropológicas*  
*suspiros sonoros com inspiração na arte de fazer antropologia*



Divino, precedido então por orações. Até hoje a oração do Terço costuma vir antes da brincadeira.

Várias danças coletivas musicais estão presentes em uma noite de Nove. Nove é o nome, inclusive, de uma dessas danças. E como costuma ocupar grande parte do encontro, acaba dando nome a ele.

Qualquer pessoa pode participar da brincadeira, mas a poesia cantada conta com especialistas: são os cantadores e cantadeiras, exímios conhecedores das danças e do repertório do Nove. Em quase todos os brinquedos, eles alternam seu canto entre homens e mulheres, seguidamente, enquanto todos se movimentam pelo salão.

Neste episódio, depois dessa apresentação mais formal do Nove, vou trazê-lo a vocês de uma forma mais livre, e talvez mais próxima das minhas experiências de estar em um brinquedo. No texto a seguir, entremeio trechos do repertório de cantigas do Nove. E também de versos, que são as quadras, estrofes de



quatro linhas. Textos como esse raramente ocupam as páginas de nossos trabalhos acadêmicos. Mas aqui teremos um.

Meu nome é Valéria de Paula Martins, eu sou antropóloga e professora na Universidade Federal de Uberlândia, em Minas Gerais.

No sítio eletrônico [poeticasdaterra.org](http://poeticasdaterra.org) há uma página do podcast, e lá é possível encontrar arquivos associados a esse episódio, além da versão escrita dele.

O Sensibilidades Antropológicas faz parte da rede kere-kere de podcasts em antropologia, que é possível conhecer pelo sítio eletrônico [radiokere-kere.org](http://radiokere-kere.org)

Se quiser comentar, compartilhar algo ou trocar ideias, fique à vontade para entrar em contato conosco pelo endereço eletrônico [sensibilidadesantropologicas@gmail.com](mailto:sensibilidadesantropologicas@gmail.com)



música instrumental suave  
volume abaixa enquanto a narração inicia

Lembro do vestido rosa que ganhei de Luca, cantadeira. Tecido fino, como dizem meus anfitriões, esvoaçante. Igual os vestidos que elas costumam usar nos brinquedos. Girando, cantando. Fui com ele no Nove que organizaram semanas depois. E girei, cantei. “Menina, diga seu nome, que eu também te falo o meu. Meu nome é cambraia fina daquele vestido seu”.

No caminho escuro até chegar ao salão da comunidade, eu ouvia burburinhos de conversas, risos, e via luz ao longe... o Nove estava sendo preparado. Fitas de papel crepom amarelas, azuis, vermelhas eram dependuradas e desenhavam seus traços ao sabor do vento: uma coreografia que imitava o balanço das danças que ocupavam o salão. “Já chegou e está chegando, já chegou quem eu queria, já chegou foi Dona Ana, que tanta falta fazia”.

*Sensibilidades Antropológicas*  
*suspiros sonoros com inspiração na arte de fazer antropologia*



Noite inteira ouvindo histórias que as cantigas contavam: amores, amigos, casos de família, viagens longas, ausências, presenças. “Menino da blusa branca, me diga quem costurou. Quero assentar meu nome no retalhinho que sobrou”. Vozes, muitas, cantando entoado, cada uma em seu lugar. Encontro. De olhares, sorrisos, saudades. “A Estrela Dalva já lá vem saindo, já lá vem saindo. Ô, dona da casa, eu vou despedindo, eu vou despedindo”.

Na casa da minha querida Dona Antônia, velha cantadeira, sentei no banquinho perto do fogão de lenha. O sol entrava pela pequena janela de madeira, entreaberta, e eu via a fumaça do fogão no ar, estampada nos raios do sol. Lá tinha alecrim. No Nove da véspera tinham cantado essa folha verde. “Se eu fosse um pé de alecrim, eu não queria morrer. Ficava de um lado do caminho pra fazer sombra procê”.

volume da música instrumental aumenta ao final da narração

vinheta de encerramento

*Sensibilidades Antropológicas*  
*suspiros sonoros com inspiração na arte de fazer antropologia*